

Uma Praça, muitos Territórios: lugares de sentidos e sociabilidades na Praça XV de Novembro (Florianópolis-SC) entre 1990-2006.

Emerson César de Campos

Resumo: Pretendemos apresentar os resultados de uma pesquisa que se encontra em fase conclusiva. Nela buscamos (professor e bolsistas) estudar o chamado “Centro Antigo ou Histórico” da cidade de Florianópolis. Partimos das visíveis transformações ocorridas na conhecida Praça XV de Novembro, identificamos ações e projetos de sucessivos governos aplicados à Praça. Também investigamos as sociabilidades vividas, falas e sentidos construídos a partir dela. Tais sociabilidades são produzidas por grupos diversos que ocupam os espaços da Praça XV de Novembro: ambulantes, músicos, sem tetos e outros, como os eventuais: turistas, transeuntes, trabalhadores e outros. A região estudada é um espaço de entroncamento das ações e de manifestações públicas, - desde sua criação - e, este estudo examinou uma série de sociabilidades que se acentuam e ganharam visibilidade maior a partir da década de 1990: primeiramente uma série de movimentos sociais e as tentativas de “revitalização” urbanística; seguida de projetos que chamaram (e chamam) à população a participar da Praça; finalmente as ações que tentaram (e tentam) “folclorizar” os grupos mais frequentes neste lugar. Portanto, a interpretação das sociabilidades auxiliaram à compreensão mais elaborada da intrincada urbanidade vivida nas duas últimas décadas em Florianópolis.

Palavras-Chave: Cidade – Praça – Revitalização – Sociabilidades

Une place, de nombreux domaines: lieux de sens et de la sociabilité dans la Praça XV de Novembro (Florianópolis, SC) entre 1990-2006.

Resume: Nous avons l'intention de presenter les résultats d'une investigation qui est en train d'être conclue. Elle a demandé, des enseignants et des étudiants (boursières) d'étudier la «vieille centre ou historique” de la ville de Florianopolis. À partir de la visibilité des changements dans la très connue Praça XV de Novembro, nous essayons d'identifier les actions et les projets des successifs gouvernements appliquée a la place. Aussi on a enqueté sur la sociabilité vecue, les mots et les significations de celui-ci construit. Cette sociabilité sont produites par plusieurs groupes qui occupent les espaces de la Praça XV de Novembro: sont des ambulants, des musiciens, sans toits et d'autres comme les sporadiques qui sont les touristes, les passant, les travailleurs et aussi d'autres. La région d'étude est une zone de jonction des actions et des manifestations publiques - depuis sa création -, et cette étude a examiné un certain nombre de sociabilité que souligne et a acquis plus de visibilité à partir des années 1990: d'abord une série de mouvements sociaux et des tentatives de la «revitalisation» de planification; ensuite les projets qu'ils ont appelé (et encore appellent) à la population à participer à la place; et finalement les actions qu'ont essayé (et encore essayent) de "folklorizer” des groupes plus fréquente a cet endroit. Ainsi, l'interprétation de la sociabilité aidé à mieux comprendre l'élaboration du complexe de vie urbaine au cours des deux dernières décennies, à Florianopolis.

Mots-Clés: Ville - Place - Revitalisation - Sociabilité

Nas duas últimas décadas se pode observar uma série de transformações produzidas no Centro Antigo de Florianópolis (SC) especialmente quando consideradas a partir de sua conhecida Praça XV de Novembro. Esta comunicação pretende exibir alguns resultados preliminares de uma pesquisa iniciada em agosto de 2007 vinculada ao grupo de estudo sobre cidades (Memória e Identidade) do Departamento de História e ao Programa de Pós-Graduação em História da UDESC. Aqui trato de um estudo mais detido sobre a cidade de Florianópolis, precisamente seu chamado “Centro Antigo” ou “Centro Histórico”. Partindo das visíveis transformações ocorridas nos espaços do Centro da Cidade, na Praça XV de Novembro, tento identificar as sociabilidades vividas, falas e sentidos construídos a partir dela. Tais sociabilidades, pelos indícios levantados, são produzidas por grupos diversos que ocupam os espaços da Praça de modo mais freqüente e persistente (ambulantes, músicos, sem tetos e outros), e também seus ocupantes eventuais (turistas, transeuntes, trabalhadores e outros). A região estudada se constitui em um espaço de entroncamento das ações e de manifestações públicas, desde sua criação. A história oral tem sido fundamental no processo de identificação das sociabilidades produzidas a partir da Praça, bem como da cultura urbana da capital catarinense.

Estabelecer reflexões acerca das formas variadas sob as quais se constroem as cidades é sempre uma tentativa desafiadora. Nos oito anos venho desenvolvendo pesquisas sobre as cidades em suas expressões mais contemporâneas, especialmente produzidas nas últimas três décadas. Desse esforço vários trabalhos foram produzidos, entre eles, minha Tese de Doutorado, defendida em 2003 (ver CAMPOS, 2003). Portanto, Cidade é o tema com o qual tenho uma estável relação. Assim, a pesquisa que apresento se constrói sob a tarefa instigante de estabelecer uma reflexão mais a respeito das produções que transformaram o “Centro Antigo” ou “Centro Histórico” (ver HUYSSSEN, 2000), o chamado Núcleo Fundante de Florianópolis, nas duas últimas décadas, a partir de sua conhecida Praça XV de Novembro.

Durante sete anos fui morador dos arredores da Praça XV de Novembro e, neste período, atento às transformações que seu espaço físico sofria (em curto espaço de tempo), foi possível identificar uma série de territórios que se avolumavam. Ora criados, ora soterrados (NONNENMACHER, 2007), por vezes celebrados, esses territórios produziram alterações de sentidos, dos modos de se viver a cidade a partir de sua Praça, remetendo à necessidade de novas leituras sobre estas realizações. Tendo em vista a idéia de que um lugar é sempre e ainda um espaço praticado (CERTEAU, 1994), parece necessário então apurarmos o olhar sobre a constituição dos territórios que fornecem sentidos ao lugar denominado Praça XV de Novembro. Os deslocamentos de sentidos ocorridos nos territórios presentes na Praça são

simultaneamente agudos e instáveis, como vem sendo a própria realidade da cidade, em que pese esforços para consagrar espaços sólidos marcados pela Tradição. Assim, os territórios nos permitem pensar as transformações da Praça em perspectiva contemporânea, considerando as tensões, os sentidos alcançados por ela. Afinal, território sendo etimologicamente instável, deriva tanto de terra (o espaço físico) quanto de *terrere*, amendontrar, sendo, assim, *territorium* um lugar do qual as pessoas são expulsas pelo medo (BHABHA, 1998). Disso depreende-se as formulações desta apresentação e em fase de conclusão andamento: as alterações de sentidos e sociabilidades realizadas na Praça XV de Novembro, um espaço de muitos territórios.

Palco inicial da conhecida Novembrada (ocorrida ainda em 1979), do Movimento pelas Diretas, das inúmeras reivindicações trabalhistas e sociais, a partir da década de 1990, se apresentam uma série de outras tantas manifestações que acompanharam o crescimento da cidade, e que parecem ter transformado o espaço e seus tantos sentidos. A Praça foi revitalizada com tapumes e cercas, parecendo indicar uma imobilidade do espaço (e também o seu controle), em lugares que pouco ou nada têm de fixos ou estáveis.

No final da década de 1990 e início da atual se pode identificar como a Praça se coloca como lugar estratégico para “revitalização” do Centro Antigo, verificável em fontes previamente levantadas, a exemplo da Ata da 57^a Sessão ordinária da Câmara Municipal, que trata da “reforma da Praça XV”, onde mais que noticiada (ver:Jornal AN Capital, 04 set. 2002), tal reforma canalizou, naquela oportunidade (entre 1999-2002), uma avalanche de reivindicações, sentido e medos. Os artesãos (SOUZA, 1999), estabelecidos na praça desde a década de 1960, foram dela retirados, os comerciantes tiveram postos abaixo seus estabelecimentos (quiosques), as sociabilidades afloraram com vigor. Tais sociabilidades são (e eram) produzidas por grupos diversos que praticam os espaços da Praça de modo mais freqüente e persistente: ambulantes, músicos, sem tetos, prostitutas e outros; bem como pelos ocupantes eventuais: turistas, transeuntes, jogadores de tabuleiros e outros. São ainda exemplos de intervenções e interações com as sociabilidades da Praça XV: projetos de revitalização, como iluminação e renovação arquitetônica (para algumas pessoas autêntica “limpeza” da Praça); projetos que chamam à população exibem a cidade em Casas como do Papai Noel e/ou do Carnaval; e no limite o crescimento da violência e o monitoramento da praça por câmeras de vídeo.

Na mesma seara de investigação e, finalizando essas formulações, se deve considerar as transformações comuns aos espaços públicos das cidades no contemporâneo, que indicam as transformações ocorridas nas Praças e em seus freqüentadores (ver: SARLO,

1997; BIDOU-ZACHARIASEN, 2006; ORLANDI, 2004; CANEVACCI, 1993 e CANCLINI, 2003). Os trabalhos mais recentes parecem apontar para um declínio na frequência das Praças, especialmente pela camadas médias urbanas (alguns autores indicam praças de Shopping Centres como alternativas). Contudo, em levantamento prévio e que necessita de investigação, se pode inferir que mesmo que a frequência na Praça XV tenha diminuído (o que não se pode afirmar), aumentaram suas formas de expressão, seus territórios. Ainda assim é possível ver simultaneamente à produção de tantos novos territórios, supostamente colaborando para um certo incipiente “cosmopolitismo”, o saudosismo de uma cidade que não há muito tempo, era mais tranqüila, com sotaque marcado e práticas culturais mais próprias (ver FALCÃO, 2006) . Uma rápida averiguação no jornalismo local pode iluminar o que se diz. O jornalista Aldírio Simões (falecido em 2004), um dos criadores do Troféu Manézinho, deixa transparecer, em coluna que manteve por cinco anos no jornal “AN Capital”, o fenecer de uma cidade já não mais tranqüila (ver “Velha amizade”, AN Capital, 20 fev. 2000), onde figuras como a Pandorga (mulher que andava com roupa desfiada), ou o poeta Zininho, andavam tranqüilamente pela cidade e sua Praça. Esta leitura de cidade que tende a “folclorizar” o outro (ver CANCLINI, 1998), rivaliza com as manifestações cotidianas colocadas na Praça, constituem seus territórios.

Você mora em uma cidade, você gosta e não gosta dela, você imagina às vezes outras soluções que não as que têm sido adotadas, e está assistindo agora, em uma sala pública, à apresentação de “sua” cidade realizada por profissionais da imagem que nunca confessarão que detestam a sua cidade (JEUDY, 2005). Mas pode-se verdadeiramente detestar uma cidade? E quais seriam as razões? A ausência ou fenecer de seu centro? Seu aspecto (des)ordenado? A característica de suas construções? Sua violência cotidiana? Todas as razões para detestá-la ou amá-la terminam lhe conferindo inúmeros atrativos. No cotidiano acelerado em que estamos vivendo (e presenciando), os estudos sobre cidades certamente se mostram como uma consistente possibilidade de compreender, ao menos qualificar melhor, a complexa instabilidade que constrói a vida contemporânea. Este projeto parte da tentativa de identificar as tramas formadas pela articulação, sempre tensa e incompleta, entre as memórias que falam da cidade (e sobre ela atuam), e as histórias que tentam fazê-las vazar. Daí o interesse não apenas em conhecer, mas sobretudo, reconhecer as sociabilidades e os sentidos que a articulação citada provoca na cidade, em particular no conhecido, mas pouco reconhecido, lugar chamado Praça XV de Novembro.

Há uma certa tendência em se passar pela Praça e não reconhecê-la. É mesmo uma ação ordinária. Assim viemos tentando cartografar, realizar uma etnografia dos espaços

praticados, dos territórios da Praça XV de Novembro. Cartografar, para além da obtenção de um mapa (que apenas delinea os contornos dos territórios) é uma ação que possibilita “fuçar, espiar, sondar, prescrutar os mundos que se vão inventando (...) a cartografia se faz ao mesmo tempo que o território” (ROLNIK, 1987:12). Uma cartografia está sempre atenta aos movimentos. Os fluxos que a partir da década de 1990 (inferindo) se avolumam em territórios construídos por taxistas de moto, trabalhadores de “Tele-Marketing”, estudantes, mendigos, prostitutas, viciados, músicos, turistas com suas máquinas fotográficas e voltas na figueira, outros chamados de loucos (e folclorizados), jogadores de damas, yuppies, hippies e outros tantos. A cartografia pretendida tem como foco principal o alcance de subsídios para compreender os projetos da ação pública (realizados ou não), que nas duas últimas décadas se destinaram estabelecer estratégias de ocupação da Praça (quase sempre bastante racionalizadas). Essas estratégias precisam ser relacionadas às táticas que mulheres e homens ordinários (CERTEAU, 1994) mantêm com a Praça e seus territórios. Desta forma, tentamos inventariar as sociabilidades e sentidos que fornecem à Praça suas outras denominações (Da Figueira, Da Preguiça, Das Prostitutas, Dos Protestos, e outras).

Nos mais recentes estudos sobre cidades (na Europa, Estados Unidos e América Latina) se pode identificar uma tendência em debater as preocupações que os efeitos das intervenções, desde simples revitalizações com iluminar a praça e trocar seus bancos ou pisos e jardins, como realizadas na Praça XV entre 1999 e 2002, até propostas mais complexas como requalificar espaços, na tentativa de estimular novas práticas aos lugares. Exemplo disto foi a criação da Casa do Papai Noel em 2005, uma iniciativa do Clube de Dirigentes e Prefeitura Municipal Lojistas, ocupando as dependências da Câmara de Vereadores, estendendo inclusive um tapete de grama artificial sobre a Praça XV. Esta iniciativa coincide com outras tantas (e que precisam ser investigadas) que tentam fazer da Praça XV, e de seu entorno, lugares mais freqüentados, especialmente por turistas.

Alguns autores (a exemplo de BIDO-ZACHARIASEN, 2006) consideram ser inevitável que médias e grandes cidades, cujos centros antigos permaneceram ‘esquecidos’ pelas classes médias altas durante algumas décadas, tenham permitido e até estimulado o desenvolvimento de atividades populares, e mesmo a moradia de famílias de menor renda. Esse fenômeno tenderia a ocorrer por influência de dois processos, que podem ser combinados ou não. Pelo lado da demanda, as estratégias das classes médias de (re)conquista de territórios e de volta à cidade, especialmente seu centro ou sua Praça principal, depois de décadas de encantamento pelos conjuntos e loteamentos fechados, estimuladas pelo setor imobiliário. Em Florianópolis é muito visível o crescimento de condomínios fechados, e

mesmo de bairros antigos transformados em confortáveis áreas residenciais, a exemplo de Jurerê Internacional. Mas na ocupação do Centro e da Praça se pode inferir que o aumento não é dessa classe média tradicional, mas de outro tipo: yuppies; famílias jovens com maior escolaridade, estudantes secundaristas e universitários, que rivalizam espaço com os resistentes “moradores” antigos da Praça: sem tetos, prostitutas, e outros já citados, além de uma parte considerável da população chamada à Praça em ocasiões bem marcadas como: Natal, Carnaval ou mesmo em festas religiosas, como a do Senhor dos Passos.

Pelo lado da oferta e das decisões dos produtores de espaços – as estratégias dos governantes, em acordo com o setor privado, parecem tentar tornar a cidade competitiva, dotando os centros de características que o tornariam atrativo, principalmente ao comércio e ao turismo, ou mesmo para moradia, consumo e lazer. Na mídia televisiva, nestas férias de verão, foram inúmeras as chamadas a se “viver à cidade”, não apenas suas praias, mas seu Centro histórico e suas Centenárias Praça e Figueira.

Portanto, discutimos os efeitos dos processos de requalificação do Centro Antigo da cidade de Florianópolis, partindo dos territórios que se sobrepõem em sua Praça.

Disto resultam uma indagações: os processos de ocupação e de produção de sentidos dos territórios do Centro Antigo e sua Praça se realizam sob quais variantes? Quais as transformações, as manifestações sócio culturais e a Cultura Política (ver LOHN, 2006) produzidas nos lugares praticados da Praça nas duas últimas décadas? Para proceder respostas às perguntas levantadas é necessário estar atento às transformações da própria contemporaneidade. Partindo da coleta de falas diretas sobre a Praça, as relacionamos com outras postas nos discursos escritos por Aldirio Simões, cronista da cidade (morto em 2004), que quase sempre remetem à uma cidade e uma Praça mais tranqüila, nostálgica, mesmo que produzidas entre 1999-2004, quando há muito a cidade e sua praça já não eram as mesmas, tampouco tranqüilas. Pelo exíguo espaço neste texto não foi possível exibir falas que contam e narram a Praça XV de Novembro, ação que será executada em sua apresentação neste Simpósio Nacional de História.

BIBLIOGRAFIA:

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BIDOU-ZACHARIASEN. **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. Tradução Helena Menna Barreto Silva. São Paulo: Annablume, 2006.

CAMPOS, Emerson César de. **Territórios deslizantes:** recortes, miscelâneas e exhibições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980-2002). 2003. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CANCLINI, Nestor Garcia. **A Globalização imaginada.** Tradução de Sergio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2003.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica:** ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORADINI, Lisabete. **Praça XV:** Espaço e Sociabilidade. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1995.

FALCÃO, Luiz Felipe; DIAS, Rafael Damasceno. As errâncias da memória entre a lembrança e a nostalgia (diferenças culturais e identificações nas representações da cidade). **Anais do 2º. Encontro Internacional de Historia Oral.** Panamá, Cidade do Panamá, 2007.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória:** arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JEUDY, Henry-Pierre. **Espelho das cidades.** Tradução de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Segregação urbana e espaço público:** relações entre modernização e cultura política em florianópolis (1960-2005). Florianópolis, 2006. Projeto de Pesquisa (em andamento) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina.

NONNENMACHER, Marilange. **Vida e Morte Miramar:** Memória urbanas nos espaços soterrados da cidade. 2007. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade atravessada:** os sentidos públicos no espaço urbano. Campinas, Pontes, 2001.

ROLNIK, Sueli. **Cartografia sentimental da América;** Produção de desejo na Era da Cultura Industrial. Tese (Doutorado em Antropologia), PUC, São Paulo.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna:** intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SOUZA, Almir Antonio de. **Mãos de magia nas malhas do poder:** a feira de artesanato da Praça XV em Florianópolis – Entre lutas e resistência – (1969-1999). Florianópolis, 1999. Monografia (Especialização em História Social) – Centro de Ciências Humanas e da Educação, Universidade do Estado de Santa Catarina.